

NARRATIVAS EMERGENTES: UM OLHAR POÉTICO SOBRE PERSONAGENS NEGROS DO SÉCULO XIX E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL

*EMERGING NARRATIVES: A POETIC LOOK ON BLACK CHARACTERS OF THE
NINETEENTH CENTURY AND ITS CONTRIBUTIONS FOR THE FORMATION OF RIO
GRANDE DO SUL*

Thiago Madruga
Mestrando/UFPeL
thiagomadrugads@gmail.com

Larissa Patron Chaves
Doutora/UFPeL
larissapatron@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa visa provocar reflexões sobre a condição de invisibilidade atribuída à população negra e suas contribuições para a história e cultura do Rio Grande do Sul. Para isso, partimos de narrativas de personagens negros do século XIX cujos esforços contribuíram para a formação do Estado. Processo que será representado através da elaboração de intervenções com lambe-lambes¹, no intuito de compartilhar no espaço urbano essas narrativas, valorizando-as e aproximando-as dos transeuntes. A primeira narrativa a ser representada é a de Luciana Lealdina de Araújo. Nascida em Porto Alegre (1870), muda-se para Pelotas, onde torna-se a principal idealizadora do Asilo de Órfãos São Benedito (hoje Instituto São Benedito). Sua história, possibilita o levantamento de questões sobre o contexto social em que viveu, sobre a dificuldade para uma mulher negra conseguir apoio para criar uma instituição na primeira década do século XX, e sobre as implicações disto nos dias de hoje, não só pelo Instituto ainda funcionar, mas também como um exemplo de representatividade positiva importante para o processo de valorização da figura negra que esta pesquisa propõe.

Palavras-chave: Luciana-Araújo. Intervenção-urbana. Arte-política. Identidade-gaúcha. Narrativas-negras.

ABSTRACT/RESUMEN

This research aims to provoke reflections about the invisibility condition attributed to the black population and their contributions to the history and culture of Rio Grande do Sul. For this, we start with narratives of black characters of the nineteenth century whose efforts contributed to the formation of the State. This process will be represented through the elaboration of interventions with urban collage, in order to share these narratives in urban space, valuing them and approaching them from the passers-by. The first narrative to be represented is that of Luciana Lealdina de Araújo. Born in Porto Alegre (1870), she moved to Pelotas, where she became the principal idealizer of the Orphanage of Saint Benedict (now the São Benedito Institute). Her history enables her to raise questions about the social context in which she lived, about the difficulty for a black woman to get support to create an institution in the first decade of the twentieth century, and the implications of this today, not only by the Institute still work, but also as an example of important positive representativeness for the process of valorization of the black figure that this research proposes.

Keywords/Palabras clave: Luciana-Araújo. Urban-intervetion . Political-art. Gaúcha-identity. Black-narratives.

¹ Técnica de fixação de cartazes sobre uma superfície, através de cola produzida a partir de uma mistura de farinha e água.

Introdução

Esta pesquisa parte de uma inquietação pessoal, referente à minha condição enquanto negro, gaúcho². Durante grande parte da formação escolar e cultural que adquiri, sofri com a ausência de representatividade. O que posteriormente levou-me a pensar em como a história do Rio Grande do Sul tem como prática recorrente a valorização da figura do imigrante europeu e suas contribuições para a formação de sua cultura. Por outro lado, a história do estado estende à presença negra e suas contribuições, uma condição de invisibilidade. Invisibilidade que se faz presente do sistema de ensino das escolas, às tradições e outros seguimentos da cultura gaúcha.

Inclusive ainda hoje é bastante comum o Rio Grande do Sul projetar-se para o resto do país, como um estado eurocêntrico. No intuito de explorar uma eventual ligação com a Europa através das colônias localizadas no estado, e assim, adquirir suposto status de “superioridade” frente aos demais estados brasileiros. Noção de superioridade que transcende a questão de classe e vem acompanhada por um ideal de “pureza”, amparado por processos de higienização racial e embranquecimento cultural. Uma busca pela formação de um estado branco em um país miscigenado. O teórico cultural Stuart Hall, aponta que:

as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Estes sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2006, p.50).

Se partirmos desta colocação para pensarmos em como presença negra e suas contribuições foram invisibilizadas pelas tradições e narrativas que compõe a cultura gaúcha, fica visível que o processo de branqueamento foi fruto de um discurso ideológico, motivado pela criação de uma comunidade imaginada à semelhança da população européia. Ou seja, a invisibilidade atribuída à população negra e suas contribuições, integra uma série de esforços em prol de um apagamento histórico. Pois, uma vez que a história vigente do estado atribui sua formação a homens livres (imigrantes vindos de Portugal, Itália e Alemanha, dentre outros países europeus), cria-se uma situação onde é possível não apenas negar a presença de uma população negra, mas também acobertar o processo de barbárie que foi a escravidão no Rio Grande do Sul. Um processo cujas consequências ainda são visíveis.

² Termo utilizado no Brasil para caracterizar pessoas nascidas no estado Rio Grande do Sul.

A ausência de representatividade que senti na cultura gaúcha, por fim gerou uma crise de identidade cultural. Onde tanto a ausência de referências negras, quanto aspectos racistas da tradição gaúcha como o trecho “povo que não ter virtude acaba por ser escravo” (extraído do hino rio-grandense), prejudicaram minha noção de pertencimento enquanto gaúcho. Processo que posteriormente (a partir de uma série de relatos compartilhados comigo), descobri tratar-se uma inquietação coletiva. E que passei a abordar na produção de arte urbana, através do compartilhamento de narrativas negras. Valorizando suas contribuições para a cultura do estado, a fim de gerar maior representatividade e combater esta crise de identidade. Sendo a história de Luciana Lealdina de Araújo, a primeira das narrativas a serem compartilhadas.

Sobre Luciana Lealdina de Araújo

Luciana Lealdina de Araújo é descrita como uma mulher alta, negra de pele retinta e filha de uma escrava, nascida na cidade de Porto Alegre em 13 de Junho de 1870, mas que posteriormente muda-se para a cidade de Pelotas. Luciana sensibilizava-se com realidade de diversas meninas negras e órfãs que estavam desabrigadas e não tinham para onde ir. Após contrair tuberculose, Luciana de Araújo faz uma promessa a São Benedito, dizendo que caso em caso de cura, construiria um lugar para abrigar estas meninas.

Segundo a pesquisadora Joana Caldeira, o relato de Irmã Assunta afirma que “Luciana após ter ficado curada da tuberculose se instalou em uma casa bem “pobrezinha” em Pelotas, juntamente com seis meninas na qual ela ensinava tudo” (2014, p.147). Apesar das dificuldades da época, Luciana de Araújo era alfabetizada e passava o ensino adiante, além de também exercer o ofício de quitandeira. E após conseguir o auxílio de algumas pessoas, conseguiu a realização de dois feitos incríveis. Quando tornou-se a principal fundadora do Asilo de Órfãs São Benedito na cidade de Pelotas em 1901, e do Orfanato São Benedito na cidade de Bagé em 1909. Onde abrigou e alfabetizou diversas meninas desfavorecidas.

Processos de criação da imagem:

A maneira utilizada para contar a história de Luciana Lealdina de Araújo e compartilhá-la da melhor forma com o maior número de pessoas possível, deu-se através da elaboração de uma produção artística pensada para ser posteriormente desdobrada em múltiplas mídias e assim ocupar diversos espaços. Tanto físicos, quanto virtuais. Pensando nisso, a primeira ideia que ocorreu foi à realização de intervenções urbanas por meio da colagem de lambe-lambes³. Esta ideia surgiu em função do lambe ser uma linguagem capaz de atender a necessidade que este trabalho tinha de mostrar-se acessível para as pessoas. Servindo como um excelente dispositivo, através do qual poderia vir a propor uma experiência de *partilha do sensível* no espaço urbano. Segundo o pensamento de Jacques Rancière, podemos denominar:

partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um *comum* se presta à participação e como uns e outras tomam parte nessa partilha (RANCIÈRE, 2005,p.15).

Trazendo esta reflexão para as intervenções urbanas que executo, penso que a proposta de *partilha* se dá, por incluir na esfera pública um signo iconográfico (atuante como uma interface para as minhas inquietações), a ser partilhado entre os observadores perceptivos, que mostrarem-se interessados em participar desse processo. Por sua vez, os observadores interessados em tomar *partilha* (deste *comum*), chegam como resultado de uma outra *partilha*, uma vez que estes, foram os que escolheram (por mais brevemente que seja esse ocorrido) para participar da ação, correspondendo a proposta.

Para buscar este resultado, também foi preciso pensar a respeito do quanto este trabalho necessitava fazer-se facilmente compreensível para as pessoas. Principalmente por se tratar de uma obra que seria exposta na esfera pública, em meio ao fluxo de transeuntes. Nesses casos, a leitura precisa ser fácil. Uma vez que hoje em dia, com o ritmo acelerado das cidades e até mesmo em função de fatores como a “insegurança pública”, fica cada vez mais difícil para os transeuntes desacelerarem o passo para efetuarem processos de contemplação. Razão pela qual o cartaz precisa ser convidativo e a sua mensagem precisa ser objetiva.

³ A colagem de lambe-lambe consiste em uma ação, desenvolvida por meio de uma técnica de fixação de cartazes sobre alguma superfície, através de uma cola que na maioria das vezes é produzida a partir de uma mistura de farinha e água. Outra mistura bastante recorrente ocorre entre cola branca e água.

Outra questão importante na busca para alcançar maior efetividade nas intervenções, correspondeu à importância de levar em consideração durante seu planejamento, o tempo e o espaço aos quais o trabalho estaria sujeito. E mais importante do que isso, levar em consideração os transeuntes. Pois se tratando de arte urbana, é sempre bom pensar nas pessoas com quem estamos tentando nos comunicar. Pensar em quem o trabalho pode atingir e como. Na relação destas pessoas com o espaço onde ocorrerá a ação. E inclusive, pensar eventuais respostas que as pessoas podem dar a intervenção. Refletir sobre estas questões foi de suma importância para o planejamento das intervenções e para a composição do cartaz.

A princípio, pensei que a composição do cartaz havia se originado a partir de pelo menos dois processos simultâneos. A pesquisa histórica e o processo de criação da imagem. Mas agora, olhando com um pouco mais de atenção, percebo que ainda que por vezes estes ocorressem em momentos distintos, estes processos possuem uma relação intrínseca. Onde um complementa e potencializa o outro. A pesquisa histórica (conduzida a partir de uma série de leituras) me permitiu para além de conhecer a história de Luciana de Araújo, entender um pouco mais sobre o contexto social em que ela viveu, do Rio Grande do Sul durante o período de escravidão até algumas de suas implicações, no pós-abolição. Também me possibilitou mapear alguns espaços específicos para a prática das intervenções, e encontrar tanto imagens, quanto fragmentos textuais que foram incorporados como elementos vitais para a composição da estética do cartaz. Já a elaboração do processo de criação da imagem, me permitiu criar um dispositivo através do qual, poderia levar parte da história de Luciana de Araújo para o espaço urbano e assim compartilhar com as pessoas alguns aspectos da sua história e suas contribuições. Deslocando sua narrativa para a arquitetura da cidade através dos lambes, ressignificando espaços e oferecendo eventuais oportunidades de diálogo ao surgir no percurso de alguns de transeuntes.

Para a composição do cartaz, utilizou-se um retrato de Luciana de Araújo, que surge como elemento central a fim de dar destaque a sua imagem, que aparece envolta por uma grande moldura dourada. Já a imagem de fundo a qual seu retrato se sobrepõe, apresenta a figura de diversas meninas. Esta imagem não foi escolhida por acaso, pois trata-se de um registro fotográfico realizado no Orfanato São Benedito localizado na cidade de Bagé. E segundo a pesquisadora Jeane dos Santos Caldeira (2014, p.153), esta “fotografia foi publicada na revista *Ilustração Pelotense* de número 8, do ano de 1919”. Provavelmente 10 anos após criação do orfanato. Ou seja, para além de mostrar as meninas que foram beneficiadas pelo

trabalho de Luciana de Araújo, o fato desta imagem ter sido publicada, propõe reflexões a respeito do quanto seus esforços poderiam estar sendo de certa forma reconhecidos (ao menos) por parte da população pelotense. Condição que infelizmente parece não ser mais a mesma, uma vez que atualmente (quase um século após esta fotografia) os esforços de Luciana Lealdina de Araújo parecem desconhecidos por grande parte da população de Pelotas.

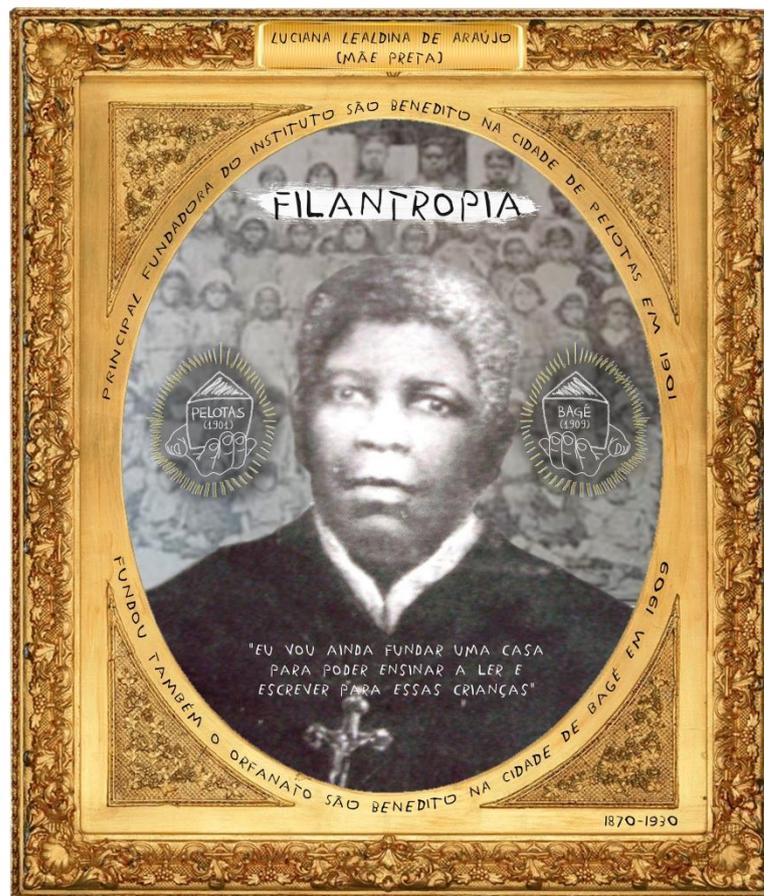


Figura 1 – Cartaz Mãe Luciana (2018). Fonte: Acervo Pessoal.

Além das fotografias, o cartaz também possui algumas informações textuais, adicionadas no intuito de complementar a imagem e potencializar sua mensagem. Fornecendo alguns dados, capazes de contextualizar esta representação de Luciana de Araújo, relacionando-a diretamente com a criação do Instituto e do Orfanato São Benedito, informando também o ano de fundação e a localização destas instituições. Mensagem enfatizada pela presença das duas mãos desenhadas ao lado do rosto de Luciana de Araújo. No desenho, em cada mão há uma casa, representando ambas as instituições. Aqui, é interessante ressaltar que a mão estendida, por vezes é popularmente associada com a ideia de

oferta, entrega e/ou doação, e por conta disto esta representação passou a ser vista como um símbolo de caridade ou filantropia. Razão pela qual as mãos estão envoltas em uma aura de luz, representando tanto a pureza das ações de Luciana de Araújo, quanto um vislumbre de esperança para o futuro das meninas que passariam a ter um espaço que lhes ofereceria amparo.

O desenho das mãos com a ilustração das casas, representando a entrega e as instituições fundadas por Luciana de Araújo, propõe ainda mais uma relação. Desta vez com a figura de Santa Efigênia. Uma santa negra, frequentemente representada com uma casa em sua mão.



Figura 2 – Imagem de Santa Efigênia. Fonte: Acervo Pessoal.

Segundo o historiador Anderson Oliveira, ao descrever Santa Efigênia, a narrativa de Frei José Pereira de Santana afirma que ela:

pertencia à nobreza. Princesa da Núbia, filha do rei Egyppto, teria se convertido ao cristianismo sendo batizada pelo apóstolo Mateus. Indiferente aos prazeres mundanos e aos requintes da corte, tornou-se religiosa fundando um convento. Após a sua conversão e a morte de seu pai, seu tio – Hitarco – teria usurpado o trono do herdeiro legítimo – Efrônio –, irmão de Efigênia, tentando desposá-la para consolidar o seu poder na Núbia. Efigênia teria se recusado a atender aos intentos do rei usurpador, despertando naquele uma profunda ira. Hitarco ordenou que fosse ateadado fogo à habitação religiosa onde vivia Efigênia e as religiosas que ela liderava.

O convento foi milagrosamente salvo por intercessão da santa (OLIVEIRA, 2006,p.62).

Como vimos a partir desta descrição, a casa que Santa Efigênia é vista carregando em suas representações, corresponde ao convento que ela criou. Esta casa costuma ser frequentemente representada em chamas, em alusão ao episódio do milagre da Santa, responsável por salvar o convento da tentativa de incêndio por parte de seu tio Hitarco. Já em outra versão popular de sua história, Santa Efigênia havia construído o convento para abrigar mulheres que compartilhassem de sua fé. E sua representação sem as chamas estaria ligada de certa forma a sua vitória, na luta para proteger o convento e as pessoas que lá residiam. Razão pela qual passou a ser vista como uma espécie de padroeira das pessoas sem moradia. Ponto onde podemos enxergar uma relação com a luta de Luciana de Araújo para fundar e manter instituições responsáveis por abrigar, alfabetizar e ensinar práticas religiosas a meninas desamparadas pelo estado. Esforços representados pelo uso da palavra filantropia, que se destaca no cartaz, surgindo à cima do retrato de Mãe Luciana afim de conduzir o observador a uma interpretação mais contextualizada da intervenção.

A produção poética

A elaboração das intervenções partiu primeiramente de um mapeamento de alguns lugares específicos na cidade de Pelotas, que dialogavam com a história de Luciana Lealdina de Araújo. A princípio as intervenções ocorreriam em 3 espaços. Primeiro no Instituto (antigo Asilo) São Benedito, fundado pela própria Luciana de Araújo e que apesar da sua saída em 1908, e das mudanças pelas quais passou ao decorrer dos seus 116 anos, ainda mantém seu funcionamento atrelado aos ideais de Mãe Luciana. E depois em outros 2 espaços que por levarem seu nome, ainda preservam indícios da sua história. Mostrando como ela foi marcante na cidade de Pelotas. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Luciana de Araújo e o Edifício Luciana de Araújo (onde de fato, o processo das intervenções foi iniciado).

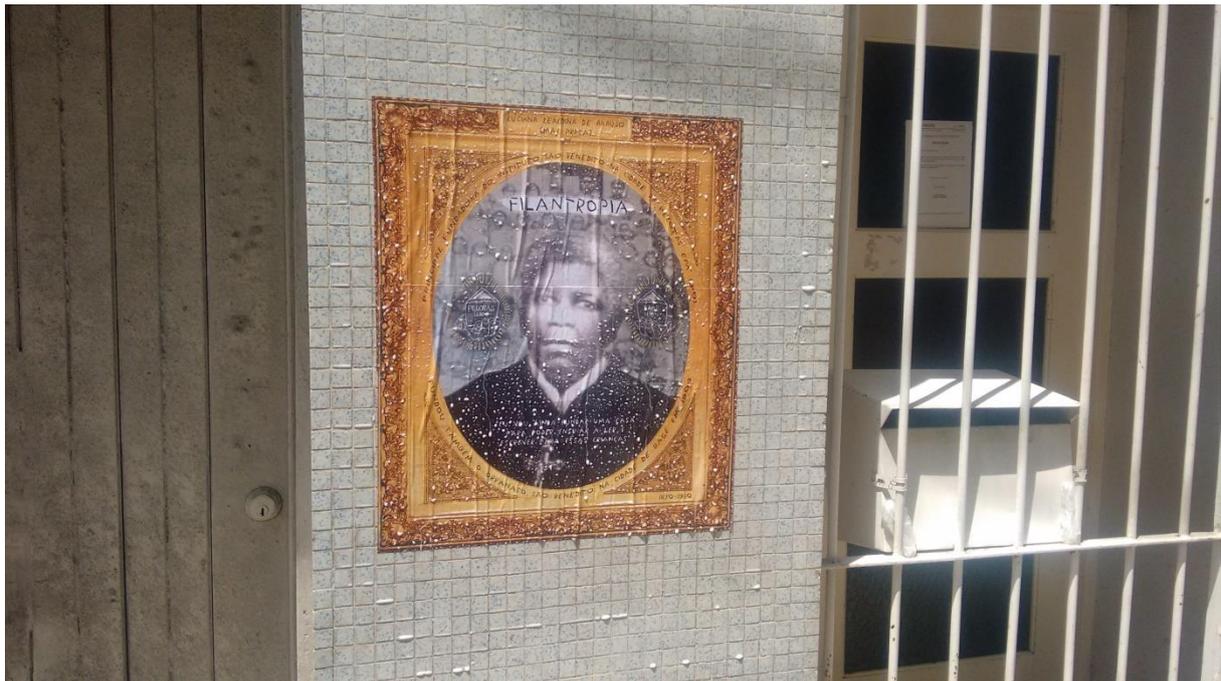


Figura 3 – Registro da intervenção com a colagem do Cartaz Mãe Luciana (2018). Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 4 – Registro da intervenção com a colagem do Cartaz Mãe Luciana (2018). Fonte: Acervo Pessoal.

O interessante de colar neste espaço é a possibilidade aproximar a história de Luciana de Araújo, tanto dos transeuntes que por ali circulam, quanto das pessoas que vivem neste edifício que podem não estar familiarizadas com a sua história. Uma vez que apesar das suas

contribuições, a história de Luciana de Araújo infelizmente parece cada vez mais esquecida pela memória local. Razão que contribuiu para a elaboração de estratégias capazes de potencializar o alcance das intervenções. O que originou um novo mapeamento de espaços para a realização das próximas intervenções, desta vez escolhidos em função da quantidade de pessoas que o atravessa ou ocupa, na intenção de atingir o maior grupo possível. Outra estratégia posta em prática, foi o compartilhamento de registros da colagem em redes sociais, acompanhados de um texto explicativo. O que me possibilitou apresentar a narrativa de Mãe Luciana através de uma partilha no espaço virtual, que de certa forma hoje constitui-se basicamente como uma interface para que esfera pública se projete dentro esfera privada. Ou seja, se na intervenção urbana o lambe-lambe é inserido na arquitetura da cidade, ressignifica espaços e propõe diálogos com os transeuntes que podem subitamente se deparar com os cartazes colados na rua, no espaço virtual ocorre o mesmo, quando após a postagem das intervenções, o observador pode se deparar com o surgimento do trabalho no seu *feed* de notícias. Condição responsável pela elaboração do que até então, configura-se como o primeiro volume da série de *webzines*⁴ (já que ainda não há versão impressa) Projeto Raízes, intitulado: Mãe Luciana.

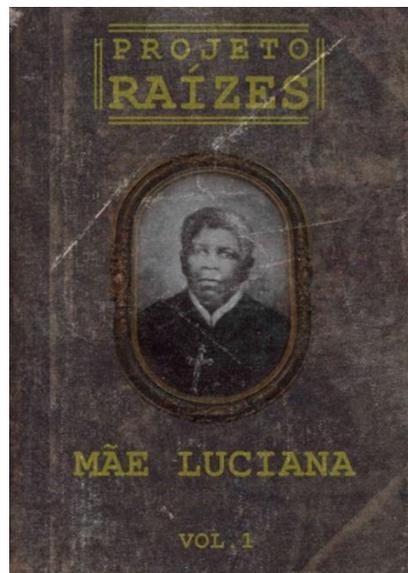


Figura 5 – Webzine Projeto Raízes Vol.1 Mãe Luciana (2018). Fonte: Acervo Pessoal.

O Projeto Raízes (criado em 2018) foi estimulado pela tentativa de combater a condição de invisibilidade a qual a população negra e suas contribuições estão sujeitas na cultura gaúcha, através da contação de histórias. Apresentando a narrativa de Luciana de

⁴ Livro de artista disponível em formato digital.

Araújo, através de um texto construído por rimas simples e objetivas, cuja disposição remete à estética presente na composição das letras de rap.

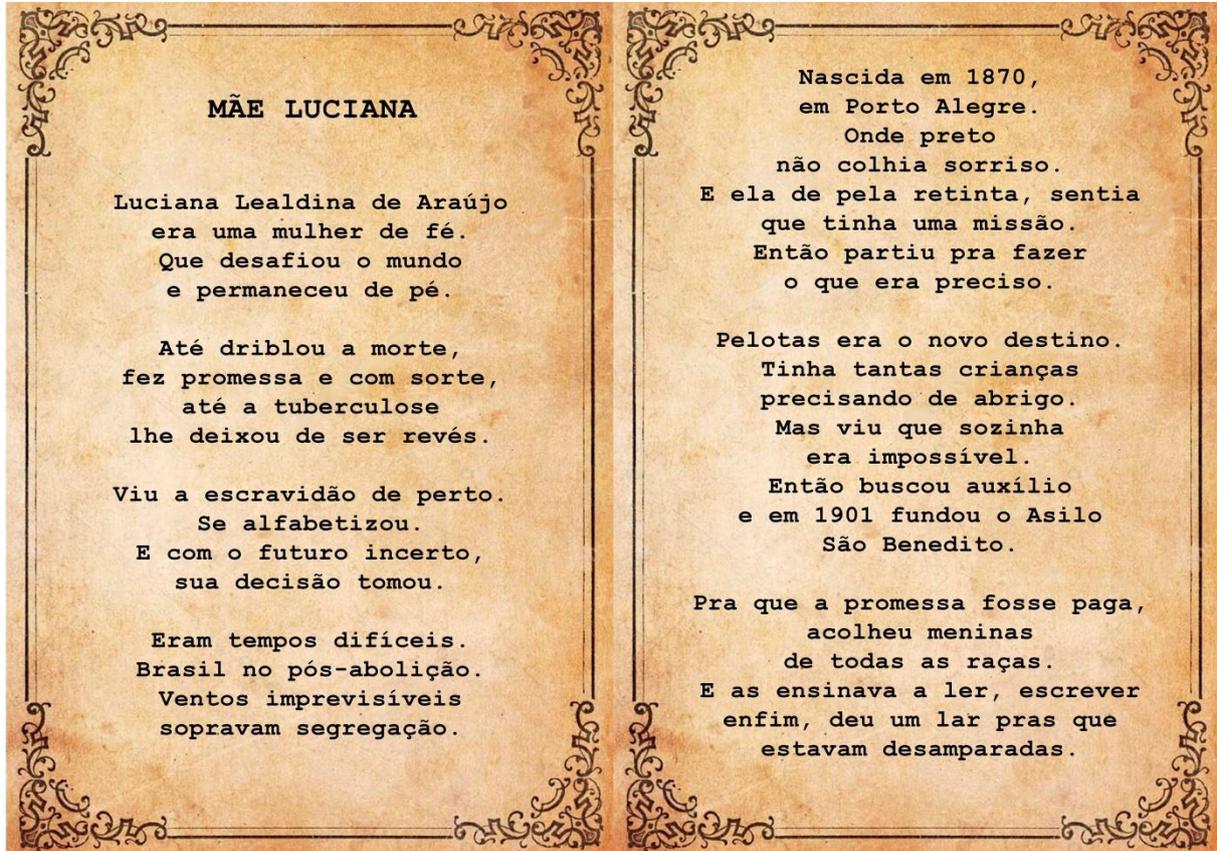


Figura 6 – Webzine Projeto Raízes Vol.1 Mãe Luciana (2018). Fonte: Acervo Pessoal.

E surgiu a partir da necessidade de levar o trabalho realizado com as intervenções urbanas para outros espaços, inclusive virtuais, buscando expandir seu raio de atuação e facilitar o acesso à narrativa da Mãe Lucina. Assim, enquanto não há versão física, o *webzine* encontra-se disponível para leitura gratuita na plataforma digital Issuu. Mas também há um planejamento para que após sua impressão, o primeiro volume do Projeto Raízes possa ser não apenas disponibilizado para quem demonstrar interesse em adquirir um exemplar, quanto utilizado como um recurso complementar para ministrar oficinas ou minicursos. Que dialoguem com a proposta do Projeto Raízes, de dar maior visibilidade não apenas para a história de Luciana de Araújo, mas para as narrativas negras em si, que tanto contribuíram para a formação do estado do Rio Grande do Sul e que hoje tem seus esforços apagados.

Conclusões Finais

Tanto a história de Luciana Leandina de Araújo quanto realização da intervenção, buscam trazer luz a respeito da importância da representatividade negra e do compartilhamento deste tipo de narrativas. Um exemplo disso, se dá na potência do uso da palavra filantropia (que se destaca no cartaz, aparecendo acima do retrato de Luciana de Araújo e conduzindo o observador para uma reflexão a respeito de seu legado). Associar a imagem de uma mulher negra à figura que faz caridade é uma grande ressignificação de valores, de quem pode fazer o que. É um convite a refletir na importância do papel de uma mulher negra, que foi a principal fundadora de duas instituições responsáveis pelo acolhimento e educação de órfãos no pós-abolição. E mais do que isso, pensar nela enquanto educadora. Uma filha de escrava, alfabetizada, que acolheu e alfabetizou diversas meninas negras, na tentativa de lhes instrumentalizar para resistir ao período difícil que foi o início do século XX no Rio Grande do Sul. É uma história rica, que nos motiva a superar as limitações do nosso tempo e que também surge como um motivo para que outras histórias sejam contadas. No intuito de contribuir para que a população negra possa entender seu lugar na história do estado, para que suas contribuições sejam valorizadas e que possamos ter algum dia, uma cultura que respeite a sua diversidade de maneira igualitária.

Referências

BAKOS, M.M; BERND, Z. **O negro no Rio Grande do Sul: consciência e trabalho**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1991.

BOURRIAUD, N. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CALDEIRA, Jeane S. **O Asilo de Órfãos São Benedito em Pelotas - RS** (as primeiras décadas do século XX): trajetória educativa-institucional. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Rio grande do Sul, 2014. Disponível em <<http://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/ri/2809/5/O%20Asilo%20de%20%C3%93rf%C3%A3s%20S%C3%A3o%20Benedito%20em%20Pelotas.pdf>> Acesso em: 21.02.2018.

HALL, S.M. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A,1992.

OLIVEIRA, A. J. M. **Devoção e Identidades**: significados do culto de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais no Setecentos. *Topoi (Rio de Janeiro)*, v. 6, n.12, p. 60-115, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v7n12/2237-101X-topoi-7-12-00060.pdf>>